

INTRODUÇÃO

No estado do Pará, localizado na região norte do Brasil, a produção de hortaliças é realizada principalmente por agricultores familiares que abastecem as localidades mais próximas da produção. No ano de 2018, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento-CONAB (2019) a região norte teve um aumento de 5,32% na produção de produtos hortícolas, entretanto ainda é um índice baixo em relação a regiões como sudeste e centro-oeste, e isso ocorre devido à falta de conhecimento em relação à tecnologias, manejo e uso de cultivares adequadas para o clima da região norte.

Apesar do uso dessa tecnologia no cultivo e também ser uma das principais hortaliças produzidas no norte, ainda existem poucas informações em relação ao comportamento e produtividade de cultivares de alface no sudeste paraense, por isso há necessidade de estudos que mostrem quais cultivares são ideais para essa região. Avaliar genótipos de alface, cultivadas sobre condições climáticas do sudeste paraense e determinar qual material é mais adaptado à região.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado de 02 de julho à 30 de agosto de 2019, em casa de vegetação localizada na área experimental de produção vegetal, e as análises feitas no laboratório multifuncional, situados na Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Paragominas. O delineamento experimental utilizado foi em blocos casualizados, com 10 tratamentos e 4 repetições. Os tratamentos foram 10 diferentes cultivares de alface (Betânia, Giovana, Lirice, Lucy Brown, Luiza, Mônica SF 31, Pira roxa, Regina, Rubinela e Stella-manteiga), escolhidas conforme a predominância e também necessidade no mercado da região. Cada parcela foi constituída de 8 plantas, das quais seis foram utilizadas para avaliação dos parâmetros de produção. As demais foram consideradas bordaduras. Os parâmetros avaliados após a colheita das alfaces foram: índice de clorofila A, B e total: aferida através do equipamento chamado ClorofiLOG-CFL1030, e expressa em ICF (índice de clorofila de falker); Quantidade de folhas: através de contagem de todas as folhas, desde colo até as mais novas; Diâmetro do caule: medido através de paquímetro e os resultados expressos em mm; Área foliar (cm²), largura (cm), comprimento (cm), fator de proporção e perímetro (cm): determinados com o uso de um Medidor de área foliar (Area Meter AM350); Peso (g): pesando toda a parte aérea da planta através de balança analítica.



Figura 1. Análises das cultivares de alface, em laboratório

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Após a colheita das cultivares, foi possível verificar que as alfaces apresentaram ciclo na seguinte ordem: as cultivares Lucy Brown, Mônica SF 31, Regina e Stella-manteiga foram as primeiras à serem colhidas, apresentando ciclo de 52 dias após a semeadura (DAS), enquanto as cultivares Betânia, Giovana, Lirice, Luiza, Pira roxa e Rubinela apresentaram ciclo de 60 DAS. Comparando com as especificações dos fornecedores, podemos destacar que as cultivares colhidas com 52 DAS e também a cultivar Luiza apresentaram ciclo precoce, enquanto as demais estão dentro da normalidade. Essa precocidade pode estar relacionada com a interação dos fatores abióticos e também efeito da proteção da cobertura plástica sobre desenvolvimento da cultura. Em relação ao parâmetro peso das plantas, verifica-se na Tabela 03 que a cultivar Lucy Brown mostrou resultado superior as demais, apresentando média de 108,8 g. Apesar do peso elevado em relação as outras cultivares, ainda é inferior comparado ao resultado obtido por Blind e Silva Filho (2015b), que avaliaram a variabilidade morfológica e componentes qualitativos e quantitativos entre cultivares de alface americana na estação seca da Amazônia central, obtendo média de 323g para a cultivar Lucy Brown, produzida em canteiros sem cobertura de solo.

Tabela 01- Resultado da análise de variância para os parâmetros produtivos avaliados nas diferentes cultivares de alface produzidas em Paragominas-PA.

| Tratamento | Peso (g) | Quantidade de folhas | Diâmetro do caule (mm) | Produtividade (Kg.m ⁻²) |
|-------------------|----------|----------------------|------------------------|-------------------------------------|
| Betânia | 65,41 g | 21 d | 15,04 cde | 1,04 g |
| Giovana | 76,68 d | 28 a | 14,45 def | 1,22 d |
| Lirice | 52,62 i | 22 cd | 15,33 bed | 0,84 i |
| Lucy Brown | 108,08 a | 14 g | 15,50 bc | 1,73 a |
| Luiza | 85,36 b | 23 c | 13,29 g | 1,36 b |
| Mônica SF 31 | 70,65 f | 14 g | 16,20 b | 1,13 f |
| Pira Roxa | 37,05 j | 16 f | 14,12 efg | 0,59 j |
| Regina | 74,31 e | 26 b | 17,95 a | 1,18 e |
| Rubinela | 82,27 c | 18 e | 15,00 cde | 1,31 c |
| Stella - Manteiga | 54,97 h | 22 cd | 13,87 fg | 0,87 h |
| CV (%) | 1,24 | 2,41 | 2,71 | 1,24 |

Letras minúsculas comparam as médias das cultivares. Médias seguidas de mesma letra não diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade.
Fonte: Elaboração própria.



Figura 2. Cultivares de alface em campo em pleno desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

A Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas - FAPESPA, pelo apoio financeiro ao projeto ICAAF 010/2018.